

COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO

E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Bruno Melo Carvalho¹

Alcides Anastácio de Araújo Filho²

1 Publicitário - Assessoria de Comunicação Departamento de Trânsito de Sergipe; Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda; Universidade Tiradentes; Licenciado em Letras – Inglês; Universidade Federal de Sergipe; E-mail: brunomelocarvalho@gmail.com

2 Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alcidesaraujo@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho analisa a utilização dos meios de comunicação como ferramenta educacional, estudando a influência da comunicação sobre a população e seu uso para a criação e desenvolvimento de novas técnicas de ensino. O texto avalia os aspectos positivos e negativos gerados pelas mídias como fator propiciador de conhecimento humano e desenvolvimento social. Por meio deste acompanhamento, são feitas análises, comparando as teorias educacionais e comunicativas, disponibilizadas pelos respectivos especialistas de cada área, a fim de averiguar a viabilidade da proposta de educação através dos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Educação. Sociedade.

ABSTRACT

This paper analyzes the use of the means of communication as an educational tool, studying the influence of communication on population and its use for the creation and development of new teaching techniques. The text evaluates the positive and negative aspects generated by the media as a factor that favors knowledge of human and social

development. Through this monitoring, analyses are made, comparing the educational and communicative theories provided by the respective experts of each area, aiming to investigate the viability of the proposed education through the media.

KEYWORDS

Communication. Education. Society.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a utilização dos meios de comunicação para fins educacionais e como influência para o desenvolvimento cultural de uma sociedade, de forma a averiguar as fundamentações teóricas de tais práticas, suas consequências e sua aplicabilidade como diferencial para a qualificação de propostas educacionais e culturais modernas.

Tais propostas surgem em decorrência da observação do grande número de reclamações por parte de educadores e de estudantes, a respeito do desinteresse demonstrado em relação aos currículos em voga nas instituições educacionais (de todos os níveis). Os professores reclamam da falta de atenção e de interesse dos alunos pelas aulas e assuntos abordados, enquanto os estudantes afirmam que o conteúdo programático é muito técnico e não possui nenhuma correlação com a rotina por eles vivenciada, o dia a dia.

Muitas vezes, há desinteresse por parte dos estudantes e demais membros da sociedade em participar de atividades educacionais e culturais, sendo estas associadas pelos alunos a sentimentos de tédio e desprazer. Diversos são os motivos para tal desinteresse, sejam de cunho social ou individual (PILETTI, 1997). Neste trabalho, analisar-se-á a utilização dos meios de comunicação, com o fim de despertar uma maior identificação com atividades educacionais e culturais, através de uma correlação dos assuntos abordados com os aspectos intrínsecos ao cotidiano social, explorando-se a atuação e capacidades das mídias.

Outro fator propício a este estudo é a grande influência que os meios de comunicação exercem nas sociedades modernas, influência esta muito diversificada, incluindo abrangências culturais, econômicas, políticas e outras várias implicações (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Os meios de comunicação (TV, rádio, internet, jornal,...) têm audiências fieis e que, vertiginosamente, crescem. O consumo de tais serviços tem sido até considerado problemático, pois a população mundial despenderia inúmeras horas absorvendo tais conteúdos em detrimento de outras atividades. Atualmente, afirma-se que o hábito de assistir à televisão, por exemplo, já se tornou um vício para grande parte do público. Apesar disto, grande parte da produção comunicativa pode ser considerada proveitosa, apresentando qualidades. Este trabalho também tem como pressuposto identificar técnicas educacionais e material audiovisual propício e como ele poderia ser utilizado, efetivamente, para aperfeiçoar o aprendizado e o desenvolvimento cultural e social comunitários.

Tentar-se-á correlacionar a educação hodierna com os meios de comunicação, enfocando a utilização do potencial das mídias de influenciar e despertar o interesse das coletividades, desta forma disponibilizando métodos que aprimorem as metodologias de ensino.

A pesquisa será fundamentada nas teorias de educadores, psicólogos, psiquiatras, neuro-cientistas, tecnólogos e especialistas em comunicação social, objetivando gerar um projeto que forneça subsídios educacionais para que ocorra um proveitoso encadeamento do aprendizado, decorrente de uma melhor comunicação entre setores diversos da sociedade, em um processo de comunicação interativo. Objetiva-se a seleção e a análise dos meios de comunicação e dos métodos de utilização dos mesmos, de modo a proporcionar uma mais eficiente assimilação de conteúdos educacionais e o aprimoramento sociocultural dos indivíduos envolvidos nos processos comunicacionais.

Alicerçado nas teorias psicológicas e educacionais de Levi Vygotsky e de Nelson Piletti, torna-se

possível um estudo do ambiente presente no sistema educacional, no qual aparece a necessidade de prover aos docentes novos métodos de ensino. Os meios de comunicação propiciam uma maior interação entre educadores e alunos, novos métodos para alcançar os objetivos propostos pela educação, fornecendo maiores subsídios para a comunicação entre os indivíduos que compõem os diversos setores da sociedade brasileira.

A pesquisa em questão foca o estudo dos meios de comunicação da atualidade, mantendo em evidência o seu grande poder de influenciar o aprendizado da população brasileira e de interação social. Tentar-se-á esmiuçar o potencial de obtenção de cultura e conhecimento através das seguintes mídias: jornal, revista, *graphic novels*, rádio, televisão, cinema e internet.

Tem-se por fim uma comunicação social que vise à transformação da sociedade, através de uma proposta educativa que forneça uma cidadania responsável, com enfoque público e solidarista e que conte com delimitações éticas e morais (HABERMAS, 1989).

Em questão de comunicação todos têm que aprender um pouco. E deve-se aprender muito mais ainda sobre as consequências positivas do diálogo, fomentador de uma cultura de paz, quando, infelizmente, pouquíssimos veículos de comunicação existem em prol desta ferramenta tão indispensável. Também porque se sabe o quanto a comunicação é potente na solução de problemas graves e até, aparentemente, insolúveis.

Sobretudo, sabe-se que, através de uma comunicação democrática, todos saem ganhando, ou melhor, todos perdem algo do seu particular, mas para ganhar uma visão global da realidade; uma visão que transcende pontos de vista pessoais e limitados, porque é enriquecida pela contribuição de muitos outros. E se existe um campo onde o diálogo não é apenas importante, mas deveria ser, também, o próprio método e fundamento, é nas relações de trabalho. Nelas se lida com o valor mais significativo para o dinamismo das instituições e para a vida dos atores desse processo: o bem comum (PUTNAM, 1996).

Numa visão abrangente, apresenta-se como exemplo o Brasil, um país que enfrenta problemas estruturais muito graves que se perpetuam há décadas e, em alguns casos, há séculos. São problemas para os quais só é possível encontrar soluções mediante um esforço sério e constante de diálogo e comunicação. Nessa perspectiva, precisa-se estar muito atentos porque, em política, corre-se sempre a tentação de uma espécie de ‘miopia’ que faz com que se veja só o imediato e o oportuno para interesses pessoais e de grupos distintos.

2 DESENVOLVIMENTO

Abaixo, em tópicos, o fundamento teórico deste estudo.

2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO

A utilização dos meios de comunicação, de modo a motivar a aprendizagem, pode ser embasada nas teorias de Nelson Piletti, Vygotsky e de Piaget. Embasado em Piletti (1997) de nada serve o esforço de um professor, se o aluno não tiver interesse em aprender, e provavelmente um assunto não interessará a todos os alunos. Dessa maneira, a motivação se faz fator fundamental da aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem muitos outros recursos, mas não sem motivação.

Para mobilizar os alunos a se interessarem pelo assunto estudado, o professor poderia utilizar os meios de comunicação, ferramentas que já contam com a potencial atenção e aprovação do aluno. Deste jeito, ele aprenderá se entretendo. Seria uma educação um tanto subliminar, mas cujos resultados poderiam ser mais gratificantes, tanto para os discentes, quanto para o docente.

Há situações que podem aumentar a motivação do estudante para a aprendizagem. Uma delas seria vincular o objeto de estudo ao cotidiano do indivíduo. A mídia poderá ser um excelente meio para isto. Para predispor o indivíduo a certo

comportamento de aprendizado, é necessário que ele esteja interessado em aprender. Tal motivação tem sido estudada por diversas linhas teóricas da Psicologia (PILETTI, 1997).

Na corrente psicológica cognitiva, de Jean Piaget, fica clara a necessidade de fornecer objetivos, expectativas e planos ao indivíduo. O homem decide o que quer fazer, tem-se que influenciá-lo de forma que se interesse pelo assunto ou conteúdo a ser estudado (SÁVIO, 2002). Através dos meios de comunicação pode-se fornecer-lhe um incentivo que o faça se sentir envolvido à disciplina cursada. Deve-se, também, satisfazer-lhe a curiosidade, interligar o trabalho acadêmico ao convívio social.

Com as informações disponibilizadas, será mais fácil para o aluno criar associações e assimilar tais ideias. Sabe-se que, com imagens e sons, fica mais fácil desenvolver esquemas mentais.

Conforme a obra de Carrara (2004), Freud e a psicanálise dão grande importância ao fornecimento de experiências favoráveis ao desenvolvimento do indivíduo, principalmente durante a infância. Deve-se selecionar o conteúdo informativo e comunicacional que entrarão em contato com as crianças, para que não acarretem traumas psicológicos, uma vez que materiais violentos ou pornográficos podem gerar distúrbios emocionais e subconscientes, enquanto o material apropriado pode ajudar ao infante a desenvolver, de forma sadia, sua personalidade.

De acordo com Sávio (2002), a corrente psicológica da Gestalt dá grande importância ao *insight* na aprendizagem e o padrão global da experiência seria mais importante do que a soma das partes para determinar significados. Para isso, a percepção visual e auditiva é importante. Então vídeos, textos e sons (músicas, narrações,...), como os veiculados em programas televisivos ou nos radiofônicos, podem estimular a percepção, a memória, o desenvolvimento da linguagem e da inteligência.

Enfocando a abordagem sócio-interacionista de Vygotsky, há o aspecto da necessidade biológica do homem interagir com o meio sócio-cultural

que o cerca, representado através das mídias. O ambiente modifica o comportamento do homem, sendo necessário fornecer à criança um ambiente saudável. O desenvolvimento humano depende da história e da sociedade em que se vive. Já cultura faz parte constitutiva da natureza do homem, que aprende a agir por meio de modos historicamente determinados, que são usualmente reinterpretados e encenados nos meios de comunicação. Vygotsky, também atribui extrema importância às brincadeiras e ao ritual de cópia e imitação, indispensáveis para o aprendizado infantil (REGO, 1995).

Portanto, o professor agirá como um mediador entre o mundo e o aluno, utilizando instrumentos técnicos e de sistemas de signos, para ensiná-los o que está pré-estabelecido pelos sistemas normativos. As linguagens utilizadas na comunicação e nas diversas mídias podem ser essenciais a tal intento, pois se tratam de signos mediadores por excelência, carregando os conceitos generalizados pela cultura humana (REGO, 1995).

Os indivíduos, por meio das experiências fornecidas pelas mídias, podem assimilar conhecimentos, perceber realidades, compreendê-las e comportar-se de modo a atender aos requisitos apresentados pela sociedade e pela cultura vigente. A mídia moderna generalizou-se, tornando-se parte integrante da formação do indivíduo contemporâneo. A pedagogia deve utilizar tais métodos, pois estes não podem ser mais dissociados da cultura e do desenvolvimento humano. É inadmissível estagnar-se com o uso de métodos educativos centenários. Faz-se inerente desenvolver e projetar técnicas atualizadas para a pedagogia. Neste sentido, a comunicação e suas tecnologias podem ser muito úteis a este propósito.

2.2 Caracterização dos Aspectos Educativos dos Meios de Comunicação

A seguir, tentar-se-á fazer análises, especificações e comentários sobre a relevância de determinados meios de comunicação e de como estes podem ser utilizados de maneira benéfica para o aprendizado.

2.2.1 Jornais

A imprensa é o meio de comunicação mais antigo de todos. Depois do advento da tecnologia de impressão por Guttenberg, tornou-se vivo o desejo de produzir uma publicação que viesse a suprir a necessidade da população por informações que abarcassem os acontecimentos mais recentes. Tal produção foi o jornal, que passou a ser produzido em série, atendendo a diversas cidades mundiais. Com o passar dos séculos, o costume de ler periódicos informativos popularizou-se. Nota-se que, hoje em dia, existem milhões de jornais e quase todas as cidades contam com a presença da imprensa (BORDENAVE, 2002).

No Brasil, a atividade jornalística tem quase dois séculos. Um dos primeiros foi 'A Gazeta do Rio de Janeiro'. Inicialmente, eles não tinham imagem, apenas, textos. Entretanto, com a evolução tipográfica, eles passaram a ser, cada vez mais, ilustrados e coloridos (MARTÍN-BARBERO, 2003).

A imprensa participou da outorga de cidadania às massas urbanas, tornando-as informadas. Também, permitiu a ruptura com a matriz cultural dominante, pois apenas com o conhecimento o indivíduo torna-se apto a refletir, identificar o que necessita ser mudado, gerando transformações que afetam radicalmente o mundo.

A elite de escritores da história sempre esteve ligada à imprensa, geralmente trabalhavam como jornalistas, escreviam colunas, editoriais, publicavam seus trabalhos ou, simplesmente, liam para estar informados e ter embasamento para suas criações (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Em épocas em que não havia editoras como atualmente, eram inúmeros os escritores que publicaram suas obras, de forma seriada, divididas em capítulos veiculados em várias edições, entre eles William Sheakespeare e Edgar Allan Poe. Outros escreviam colunas para as gazetas, como o fez José de Alencar. Todos se inspiravam em suas pesquisas para desenvolver suas obras.

Professores podem utilizar reportagens como forma de exemplificar assuntos em suas aulas,

o que possivelmente despertará no aluno o interesse pela matéria ao vinculá-la com a realidade que ele vive. Deve ser permitido ao aluno trazer às aulas matérias jornalísticas que despertaram sua atenção e que tenham correlação com o assunto estudado, fato que proporcionará debates, que poderão ser bastante elucidativos, bem como reflexivos.

2.2.2 Internet

É relativamente o mais novo dos meios de comunicação. Reúne elementos de todas as outras mídias. Apesar de parecer uma tecnologia moderna, foi desenvolvida pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, na metade do século XX, sendo popularizado nos anos 1990 (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Hoje em dia é gigantesco o número de lares que contam com um computador pessoal com acesso à *internet*. Muito importante para a educação moderna, pois permite um contato com todo o tipo de informação disponível no mundo. Faz-se, neste sentido, necessário o seu uso em todas as instalações educacionais (LINHARES, 2007).

Seus inúmeros *sites* de busca (*Google, Yahoo, Bin,...*) tornam fácil encontrar qualquer tipo de informação que se deseja. Tem-se acesso a textos, vídeos, fotos e músicas relativas ao material disponível em bibliotecas, faculdades, como *Yale* e *Oxford*, museus, como o *Louvre* e *The Met*, hospitais, como o *Jhon Hopkins*, etc.

Estudante de qualquer nível ou todo indivíduo que queira enriquecer seu repertório informativo, pode fazê-lo através de simples toques num teclado. Não é preciso mais percorrer distâncias homéricas para obter conhecimento tal qual antigamente. Hoje, pode-se entrar em contato com outros usuários da tecnologia da informação, mesmo que estejam em continentes diferentes, sendo possível se redimir quaisquer dúvidas com o auxílio dos maiores especialistas do mundo nas mais diversas áreas. O diálogo pode ser mais completo do que por telefone, pois na *internet* é possível utilizar recurso da videoconferência, que

permite maior contato entre os partícipes do processo comunicativo.

A *internet* revolucionou a educação e as telecomunicações, associando-as e dando um passo rumo ao futuro. Porém, seu uso deve ser realizado, com certa discricionariedade, pois usuários imaturos não devem ter acesso à grande parte do conteúdo que está à disposição. Há estimativas de que cerca de 80% de seu conteúdo é de natureza violenta, pornográfica ou ilícita. Os infratores livremente exibem material que faz apologia às drogas, armas, terrorismo ou pedofilia. A fiscalização e punição de tais atividades tem sido um grande desafio para as autoridades policiais e jurídicas de todo o mundo (MARTINEZ, 2005).

2.2.3 Revistas

Podem ser analisadas como uma releitura dos jornais. Nota-se que, por custarem mais caro, têm um visual diferente, papel com melhor acabamento, maior número de fotos e cores. Existem incontáveis tipos de revistas, destinadas para cada público-alvo específico. Tratam sobre jardins, cinema, fotografia, moda, ciência,...

As mais tradicionais são as jornalísticas, que expõem as notícias em voga na sociedade e no mundo. 'O Cruzeiro', a primeira revista do Brasil, foi lançada na década de 1920 (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Os professores podem utilizar de revistas para despertar o interesse dos alunos por determinados temas, através do material que conta com grande apelo estético, provido pelo *design* gráfico. Deve-se incentivar a leitura das revistas jornalísticas, porque os estudantes estarão sempre atualizados a respeito das informações mais recentes sobre diversos assuntos, inclusive os que se relacionam às disciplinas elencadas nas instituições de ensino.

2.2.4 Revistas em quadrinhos

É uma variação das revistas, que necessita ser mencionada devido ao grande consumo por par-

te do público infanto-juvenil. Os 'Comic Novels', 'Graphic Novels', ou popularmente chamados de revista em quadrinhos, são comumente desvalorizadas. Geralmente são consideradas alienantes devido às suas versões mais conhecidas das editoras DC Comics e da Marvel: Batman, Superman, X Men. Todas estas são lembradas por conter personagens que possuem superpoderes e vivem histórias surrealistas. Por tais características, elas agradam as crianças, mas podem levá-las a um distanciamento e desinteresse pela realidade (WRIGHT, 2001).

Por outro lado, se utilizadas, de forma apropriada, podem ser benéficas, pois contêm grande conteúdo artístico, filosófico e literário. Deve-se lembrar de que, apesar de criadas para o público infantil inicialmente, os adultos passaram a consumi-las, gerando uma busca pela evolução de seus conteúdos. Artistas gráficos, como Allan More, Stan Lee, Avi Arad e Frank Miller, acrescentaram em suas histórias uma forma de estética que nada deixa a dever às produções fotográficas e adicionaram, em suas narrativas, o ingrediente filosófico e psicológico, que conduzem seus personagens a grandes momentos de epifania e, conseqüentemente, o leitor às reflexões existenciais (MCCLLOUD, 1995).

Não se devem esquecer os motivos de conduta e provações existenciais pelos quais passam em suas histórias personagens como Batman, Spiderman e outros. Tais enredos e reflexões psicológicas muito se assemelham aos enfrentados na literatura em obras como Hamlet, a Ilíada ou a Odisséia. O leitor pode se identificar com as angústias dos problemas familiares, analogias com problemas sociais e políticos: X-man, por exemplo, quando mostra mutantes sendo perseguidos pelas autoridades, faz uma referência ao racismo nazista, no qual os judeus eram perseguidos apenas por serem diferentes (MCCLLOUD, 1995).

No Brasil, as publicações como as de Maurício de Souza ajudam o menor, ao demonstrar como crianças bem comportadas e que se dedicam aos estudos se integram melhor à sociedade. Fornecem, constantemente, lições de conduta para que

os pequenos aprendam a respeitar os outros, independentemente da classe social, raça, sexo, religião ou condição física.

Para os adultos, atualmente, houve uma grande evolução no nível de complexidade artística ao se desenvolver enredos mais complexos e desafiadores, intelectual e emocionalmente: 'Maos' fala, metaforicamente, sobre o nazismo,... De maior valor literário, foram lançados cartoons que continham versões de clássicos como Hamlet, Madame Bovary e até obras de José de Alencar. Tais publicações são uma alternativa para se despertar o interesse das pessoas pelos clássicos (MCCLLOUD, 1995).

Os 'gibis' podem ser uma boa alternativa para o professor mobilizar o aluno à leitura, desde que respeitada a necessidade de selecionar material não violento ou que possa afetar, de forma traumática, os menores, por conter conteúdo de veras adulto. O respeito à faixa etária é imprescindível.

2.2.5 Rádio

O rádio surgiu no Brasil em 1923, com a Rádio Educativa no Rio de Janeiro. Era um meio popular, justamente porque era acessível ao público não letrado. Foi precursor à televisão e única tecnologia disponível para as massas por décadas, relacionando-se a uma longa e vasta quantidade de expressões da cultura popular. Em suas redes, eram transmitidas músicas representativas da cultura vigente na época, além de programas jornalísticos e outros populares, com participação do público (MARTÍN-BARBERO, 2003).

O poder educacional do rádio era intimamente ligado à sua característica de atrair à atenção massiva da população, que se reunia durante o horário em que eram veiculados seus programas de maior audiência, permitindo a transmissão de inúmeros tipos de conteúdo informativo. Era fantástica a maneira como as famílias se reuniam à noite para ouvir rádio, ato similar ao constatado com o advento televisivo. Na verdade, tal qual a TV, as pessoas costumavam realizar todas as atividades cotidianas, tendo por companhia os sons

radiofônicos. Ainda hoje é grande o número de pessoas que seguem tal padrão comportamental, principalmente os motoristas e donas de casas, além de empregados domésticos (FREDERICO, 1982).

Mas sempre foi marcante o desprezo dos eruditos pelo rádio, o que marcava o desencontro entre um meio pleno de possibilidade e a estrutura cultural, cravejada de paradoxos sociais. Os meios acadêmicos sempre consideraram o rádio como tendo por limitação a esfera do popular, das massas aculturadas, em decorrência de seu repertório: música popular, declamadores, partidas e futebol e, a partir de 1931, o radioteatro (MOREIRA, 1991).

Foram vários os prêmios outorgados em inúmeros países a este meio, em reconhecimento à influência cultural do radioteatro, tendo, por exemplo, os estímulos que foram ofertados pela Comissão Nacional de Cultura da Argentina durante o governo peronista. O que realmente importa é o espaço que foi gerado para as tradições culturais do povo e da cultura de massa. O rádio tomou, em grande parte, o espaço destinado ao costume da leitura, tornando-se o 'folhetim' das massas, a 'febre' da população do pós e entre guerras mundiais (MARTÍN-BARBERO, 2003).

O predicativo vicioso das ondas radiofônicas é ideal para a transmissão de ideologias e material informativo. É exemplo marcante de tal poder de convencimento das massas, a assimilação do ideal nazista, pois o governo alemão investiu fortemente em propagandas neste meio; a adesão populacional ao esforço de guerra dos países aliados, que contra atacaram, utilizando da mesma receita comunicativa; e a mitológica transmissão do programa 'Guerra dos Mundos', que foi efetuada por Orson Wells, e gerou pânico nas ruas ao convencer a população norte-americana de uma suposta invasão alienígena (fato posteriormente retratado pelo cineasta Wood Allen em um de seus filmes).

Infelizmente, é inerente a perda de conteúdo qualitativo com o decorrer do tempo. A migração do público para a televisão gerou uma necessidade de reformulação da programação. A maioria

dos tipos de shows, inclusive com platéia e chamados de auditório, foi eliminada, sobrando apenas horários para veiculação de música, escassos jornais e, principalmente, locutores verborrágicos que tentam despertar a curiosidade através de comentários ofensivos (principalmente políticos), exposição de notícias de conteúdo violento ou que exploram situações deploráveis da condição humana, de forma fortemente desrespeitosa.

Outro fator que marcou a decadência do rádio é o excesso de propagandas comerciais que ocorre, pois 60% dos investimentos publicitários são destinados a este meio (BORDENAVE, 2002).

A música é um de seus maiores atrativos culturais. É uma expressão dos gostos populares de determinada época. A música, ouvida nos rádios, sempre foi criticada por ser 'popularesca', raramente se encontra música clássica em alguma estação, porém sempre foi decorrente do que estava ocorrendo em termos evolutivos no mercado musical. As gravadoras já forneceram inúmeros conteúdos de qualidade, tal qual jazz, bossa nova, blues, rock,... A música veiculada sempre foi um sintoma do que a maior parte da população está consumindo. Assim, se não se gosta do que se ouve no rádio, a população é a culpada.

2.2.6 Cinema

Quando de sua criação, era menosprezado. A elite afirmava que era apenas para as massas, para as classes analfabetas. Porém, com o decorrer do tempo, artistas de grande potencial passaram a trabalhar com as câmeras, gerando uma maior aceitação, de forma que até os chamados intelectuais, agora, incluem a cinematografia como uma das 'belas artes'. Realmente é uma arte, uma associação de inúmeras artes: literatura, fotografia, música, teatro (BORDENAVE, 2002).

O seu eventual uso nos domínios educacionais é muito proveitoso, pois certas fitas podem transportar o espectador para o mundo criado pelo diretor, uma realidade alternativa, permitindo a abstração e o desenvolvimento de uma mentalidade crítica ao se visualizar, por exemplo, as biografias

de grandes homens, determinados momentos históricos, ou enredos baseados em livros, roteiros com grande profundidade psicológica e filosófica. Como o diretor Ridley Scott se dirige a ele: 'um criador de mundos'.

As cine-biografias têm grande potencial educativo, pois mostram o caminho percorrido por personalidades fascinantes, cujas ações e trabalhos influenciaram o mundo. É possível conhecer-se detalhes nunca antes considerados. Entre estes filmes, são mencionáveis os premiados: 'Amadeus', 'Uma Mente Brilhante', 'Patch Adams', 'A Lista de Schindler',...

Os roteiros, muitas vezes, são adaptações de clássicos literários e de *best-sellers*. Muitas foram as famosas 'películas', baseadas em livros de espetaculares escritores. Portanto, o docente pode utilizá-los para despertar o apetite do aluno, incentivando-o a assistir o filme para que ele tenha interesse em conhecer mais profundamente o livro que o originou; ou então, é possível que se assista ao vídeo depois de apreciar o livro, permitindo eventuais debates e comparações entre as versões, o que gerará melhor absorção informacional.

São exemplos de películas baseadas em livros: Hamlet (do diretor Keneth Branagh), Guerra e Paz, Ana Karenina, Dom Casmurro, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Canudos, A Espera de em Milagre, Um Sonho de Liberdade, 1984, etc.

Não se podem menosprezar os roteiros originais. Muitos poderiam se tornar excelentes livros, pois abordam conteúdos com diversas temáticas, dialetizando dinâmicas existenciais. Os roteiros explanam problemáticas do cotidiano e de realidades passadas e, por vezes, alternativas, fazendo as pessoas repensarem as suas atitudes com relação ao mundo em que vivem e como nele se portam. Neste universo filosófico-existencialista, são notáveis os filmes 'Gátaca', que trata desde o tema da genética até a crise existencial no mundo moderno, no qual não se encontra lugar para individualismo; 'Matrix' que conseguiu a proeza de arrebanhar multidões que, inconscientemen-

te, estava tendo contato com idéias de Platão, tal qual o ‘mito da caverna’. Poder-se-ia citar dezenas de títulos bastante relevantes.

É possível encontrar relevância em filmes até interpretados como um produto apenas para a diversão das massas, que, *a priori*, só seriam destinados à obtenção de lucro. O filme ‘O Chamado’ é habitualmente enquadrado como um filme de terror, mas, subliminarmente, pode ser mais que isso: em seu roteiro, misturam-se as teorias psicológicas de Freud, teorias da parapsicologia de Jung, representações da dinâmica familiar contemporânea, dialética dos aspectos comportamentais da sociedade moderna e o consumo abusivo de tecnologias, como televisão e telefone (SÁVIO, 2002).

2.2.7 Televisão

Em decorrência da ação de Assis Chateaubriand, a primeira rede de TV, a ‘Tupi’, foi inaugurada em 1950. Suas transmissões duravam poucas horas e apenas eram recebidas por duzentos aparelhos espalhados pela cidade do Rio de Janeiro. De lá para cá, o hábito de assistir a esse veículo de comunicação virou um vício da grande maioria dos habitantes do Brasil (para não dizer do mundo), quase todas as residências contam com, pelo menos, um aparelho, sendo que, às vezes, são vários e as pessoas não deixam de assisti-la, nem durante as refeições (BORDENAVE, 2002).

A televisão, apesar de alguns pontos negativos, conta com um caráter educativo muito amplo. Inúmeros são os programas que possuem conteúdo informativo. Além dos noticiários (que todas as emissoras abertas são obrigadas a transmitir), há também filmes de grande poder artístico, documentários, telecurso de alfabetização e profissionalização,... O único problema é o telespectador buscar por tais programas, procurá-los, dar audiência para que não sejam eliminados do quadro de programação (MARTÍN-BARBERO, 2003).

O conteúdo televisivo é totalmente responsabilidade do telespectador, pois a audiência é a maior preocupação dos dirigentes das redes. Caso os índices diminuam, os anunciantes retirariam

seus patrocínios e suas propagandas do ar e, com elas, iria embora o lucro. Então, não se deve criticar o estado caótico da programação brasileira: ela é apenas um reflexo dos gostos dos brasileiros. As novelas e programas de auditório estão lotados de cenas de violência e de caráter excessivamente sexual, um retrato da realidade social brasileira.

Cabe aos professores orientar os alunos, incentivando-os a procurar uma programação construtiva, abordando os assuntos em voga no cotidiano da nação que é esmiuçado principalmente nos telejornais. Pode-se, inclusive, levar vídeos de apoio para a sala de aula para exemplificar determinado assunto, atraindo a atenção do aluno (LINHARES, 2007). O que não se pode é continuar sendo uma massa sem discernimento e capacidade crítica e de escolha. É necessária a preocupação com a falta de enredo e a grande alienação contida em grande parte dos programas televisivos. É urgente que a população brasileira se torne um público consciente e crítico, que se aperfeiçoa com o que presencia, que evolui. É essencial lembrar que ‘os olhos são as janelas da alma’.

2.3 COMUNICAÇÃO NA ERA DA INTERNET: NOVOS PARADIGMAS

Com o avanço das novas tecnologias, que se apresenta neste início de século XXI, muitas são as alterações que se apresentam na forma como as pessoas se comunicam, seja no meio que utilizam, internet, por meio de computadores cada vez mais potentes e portáteis ou *smartphones*; seja na maneira como têm contato: através de videoconferência, *e-mails*, salas de bate-papo (*chat-rooms*), *websites*, *blogs* ou *videologs*. A comunicação permite cada vez mais a interação entre as pessoas, com a troca de informações constante e cada vez mais célere, comunicação incessante entre pessoas das localidades mais distantes umas das outras.

Essa evolução da tecnologia permite que as informações, que a humanidade possui, dobrem a cada dois anos, o que gera um avanço no conhecimento humano e na cultura, bem como a necessidade de adaptações na forma como a educação é

realizada e ofertada, para que se possa assimilar, eficientemente, tanto conteúdo informativo. As novas tecnologias também geram certa dependência nas pessoas. Dependência esta que se mostra na maneira como as pessoas deixam de utilizar outras formas e meios de comunicação. Tal fato tem provocado que alguns jornais e rádios tenham de encerrar suas atividades por falta de lucratividade para custear suas operações. As novas maneiras como se comunica, atualmente, altera o modo como a sociedade se transforma e se desenvolve, na forma como se compreende o mundo e como ele é modificado, gerando os paradigmas mais diversos (BORDENAVE, 2002).

2.3.1 Disseminação, propriedade intelectual e controle da informação no ambiente digital

Apesar da facilidade de obter informações, notícias, entretenimento e dados diversos que a *internet* provê a seus usuários, muito se discute a respeito da licitude de como tais conteúdos são disponibilizados por certos *websites* e se tais informações pertenceriam, a priori, a alguém. Alguns sites de busca, como o *Google*, estariam disponibilizando notícias de *websites* pertencentes a jornais, revistas e emissoras de TV como o *New York Times*, *Le Monde* ou da *Fox News*, através de *links* que permitiriam que se acessasse conteúdo que só deveria ser visualizado por assinantes dos serviços das empresas de informação.

Os empresários norte-americanos Rupert Murdoch e Ted Turner, proprietários de empresas de comunicação e redes de TV, obviamente não ficaram nada satisfeitos em dividir seu público e seus lucros com empresas novatas como o *Google*, que, rápida e exponencialmente, conquistam seu *market share*.

Os magnatas da comunicação costumavam obter lucro através de assinaturas de jornais, revistas e pacotes de TV a cabo e da comercialização de espaço publicitário em suas publicações. Contudo, com o advento da *internet*, parte de seus públicos migrou para a nova tecnologia, consumindo menos dos produtos impressos, o que fez com

que fossem criados sites e versões eletrônicas de jornais e revistas famosos para que não perdessem esse mercado consumidor. A lucratividade das versões eletrônicas ainda estava assegurada através de assinaturas (sem elas seria impossível visualizar conteúdo exclusivo) e de propagandas, veiculadas em *banners* nas *webpages*.

Quando um site de busca fornece um meio para que se acesse um conteúdo que seria pago, de certo modo, estaria tirando dinheiro dessas empresas de comunicação, uma vez que os usuários não precisariam gastar com assinaturas e os anunciantes investiriam nos *sites* de pesquisa em vez de nos de informação.

Não é a primeira vez que a *internet* causa controvérsia no que concerne a direitos autorais e de comercialização. Os criadores de programas e *sites* de compartilhamento de músicas sofreram muitos processos na justiça. Dentre tantos, destaca-se o *Napster*, o mais famoso, uma vez que várias gravadoras se uniram para "tirá-lo do ar", até entrando com processos na Suprema Corte dos Estados Unidos, já que o prejuízo que ele dava era muito grande, pois disponibilizava milhões de músicas aos seus usuários, utilizando-se de um compartilhamento global, sem se preocupar em pagar um centavo aos músicos ou às gravadoras.

Com a proibição do *Napster* e seu fim, a pirataria virtual de músicas não acabou, apenas cresceu com os anos, pois ainda hoje inúmeros *sites* e *blogs* disponibilizam conteúdo ilegal e, aparentemente, a grande maioria dos usuários de *internet* possui coleções de arquivos *Mp3* ou *PDF* que baixaram em vez de comprar livros, CDs e vídeos nas lojas.

Os filmes e seriados de TV são outros itens nos quais as empresas de telecomunicação têm perdido parte de seus lucros, devido ao advento da *internet*. Antigamente, as emissoras ganhavam seu dinheiro, principalmente, com as propagandas que passavam nos intervalos de seus programas e com a assinatura de pacotes de TV a cabo. Hoje em dia, todos os filmes e seriados podem ser baixados de algum *site*... E de graça.

Os 'piratas' criam *sites* ou *blogs* para disponibilizar o *download* dos arquivos que gravaram. Arquivos estes que estão armazenados em outros sites, geralmente no *Megaupload*, *Easysshare* ou *Filefactory*. Os blogueiros em questão ganham dinheiro com anúncios em *banners*. Alguns são fornecidos pelo *Google Ad-sense*. Para tanto, seu 'público' só precisa clicar nas propagandas para lhes fornecer alguns centavos. Mesmo quando o *site* pirata sai do ar, rapidamente é criado outro para substituí-lo. E, ironicamente, um jeito fácil de achar um *site* que disponibilize conteúdo de graça é através de uma rápida pesquisa no *Google*.

Com tanto conteúdo informativo ilegal na *web*, como seria possível então resolver o problema das notícias? Essa é uma missão difícil. Os proprietários dos veículos jornalísticos, provavelmente, abrirão processos judiciais, mas como nada se resolveu para o caso da música, julga-se que, também para este caso, será inútil. O melhor seria procurar outro jeito de obter lucratividade. As gravadoras passaram a comercializar suas músicas em *sites* de vendas, como o *ITunes*, onde se pode baixá-las para *Mp3 players*, como o famoso *Ipod* e, agora, o *IPhone*. O CD, realmente, já saiu de moda.

No caso dos vídeos, as emissoras de TV passaram a investir na comercialização dos DVD, que fornecem aos consumidores uma qualidade, via de regra, melhor que a dos arquivos baixados e na venda de assinaturas de TV a cabo, dependendo menos das propagandas, tanto que certos canais, como a HBO, nem interrompem a exibição de seus programas para passarem os famosos comerciais.

Os veículos jornalísticos, portanto, têm de procurar uma alternativa de lucratividade, fornecendo novos serviços que interessem ao público e ir além de vender jornais digitalizados. O fornecimento de 'algo mais', com as notícias, é sempre algo bem vindo. O polêmico Google fornece toda uma variedade de serviços, disponibilizando um novo a cada dia. Também, no mundo digital, quem não se adapta, acaba virando notícia antiga (BORDENAVE, 2002).

2.3.2 Guerra digital pela informação

Já se utilizou até bombas nucleares para vencer guerras, mas, hoje, em um mundo tão tecnológico e dependente da comunicação, a arma mais poderosa é a informação e a guerra virou digital. As nações dependem, cada vez mais, das redes de computadores para se comunicarem e armazenarem suas informações mais preciosas.

Conhecimento sempre foi um bem precioso e a espionagem sempre foi uma tática empregada por vários países que contam com serviços de inteligência. Os Estados Unidos tem a Agência Central de Inteligência (CIA) e a Rússia tinha a Comitê de Segurança do Estado (KGB). Hoje, nota-se que se utiliza de *hackers* para invadir os sistemas de outros países e furtar informações sigilosas que podem ser segredos militares ou, inclusive, dados econômicos. Neste mundo atual, sabe-se que a melhor maneira de controlar outros povos não é invadindo seu território, mas, sim, economicamente. Quem tem mais informações e maior controle sobre os meios de comunicação, influenciando as maneiras como as massas percebem a realidade, consegue lucrar mais, além de dominar mais e melhor (BORDENAVE, 2002)

Para impedir que os *hackers* invadam seus sistemas, grandes corporações e governos gastam milhões de dólares para desenvolver proteções, *firewalls* para dificultar que se roubem seus dados mais preciosos. Tarefa esta muito difícil, pois alguém sempre acaba conseguindo burlar as barreiras de defesa e ter acesso aos sistemas mais vitais. Já se conseguiu *hackear* os sistemas do *FBI* a até da *NASA*. O pior é que agora os países, como Estados Unidos, Rússia e China, investem em atividades que visam a invadir ou a inabilitar os sistemas de seus inimigos ou em difamar outras nações através de veículos de comunicação influenciados por governos tendenciosos, mostrando à população apenas uma versão polarizada dos fatos, utilizando a comunicação social como uma arma de dominação cultural.

Esta é a era do ciberterrorismo, onde 'se pode sabotar países sem sair de casa'. Um ataque aos

sistemas de informação de um país pode ser pior que uma bomba, pois como vários serviços, dentre eles a energia, aviação e telecomunicações, dependem de computadores e programas, uma falha nos sistemas poderia causar grandes prejuízos financeiros.

Recentemente, a empresa *Google* anunciou que retiraria seus serviços da China, pois não seria possível continuar operando devido às constantes ações repressivas do governo chinês que estaria fazendo constantes ataques aos serviços da *Google*, pois quer censurar as informações a que sua população tem acesso, inviabilizando comunicações que gerem protestos. Não é à toa que a China é considerada uma ditadura. O *Google* até tentou mudar sua filial chinesa para Hong-Kong, mas os ataques cibernéticos persistiram.

Há uma invasão cada vez maior de privacidades, além das câmeras de vigilância que são instaladas nas grandes cidades para fornecer mais segurança, existem também programas militares, como o *Echelon* norte-americano, satélites que monitoram as comunicações realizadas no planeta, grampeando linhas telefônicas e procurando conversas de cunho terrorista. Empresas particulares, também, têm grande acesso aos dados, de toda ordem, particulares ou não dos cidadãos. Tais empresas poderiam não apenas cercear a privacidade, como até utilizar tais informações para lesar estes mesmos cidadãos, até financeiramente.

Quanto mais as novas tecnologias de comunicação facilitam a vida com suas utilidades e aplicações, mais as pessoas se tornam dependente de tais serviços. Tomara que o mundo não vire uma ficção-científica pessimista, tal qual no livro '1984', de George Orwell, onde o governo fiscaliza, constantemente, a vida dos cidadãos através de câmeras, controla as ações da população com a manipulação das informações que ela recebe e censura dos meios de comunicação. Uma sociedade livre necessita de liberdade de expressão para se desenvolver intelectualmente, de veículos de comunicação íntegros que possam mostrar a verdade nos fatos, sem ideologias dominantes que cerceiem pontos de vista, e de um modelo educa-

cional que incentive a comunicação dos alunos e a expressão das idéias e sentimentos, de modo a criar indivíduos livres e atuantes não somente no âmbito comunitário, mas também no contexto do macrocosmo mundial (HABERMAS, 1989)

2.4 DIÁLOGO: A COMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Em questão de comunicação, todos têm que aprender um pouco e se deve aprender muito mais ainda sobre as consequências positivas do diálogo fomentador de educação e cultura, quando, infelizmente, poucos veículos de comunicação existem em prol desta ferramenta tão indispensável. Também, porque se sabe o quanto o diálogo é potente na solução de problemas graves e até, aparentemente, insolúveis.

Sobretudo, sabe-se que no diálogo todos saem ganhando, ou melhor, todos perdem algo do seu particular, mas para ganhar uma visão global da realidade; uma visão que transcende pontos de vista pessoais e limitados, porque é enriquecida pela contribuição de muitos outros. E, se existem campo onde o diálogo não é apenas importante, mas deveria ser método e fundamento, é na educação e na comunicação. Nelas se lida com o valor mais significativo para o dinamismo das instituições e para a vida dos atores desse processo: o bem comum (PUTNAM, 1996)

Numa visão abrangente, apresenta-se como exemplo o Brasil, um país que enfrenta problemas estruturais muito graves que se perpetuam há décadas e, em alguns casos, há séculos. São problemas para os quais só é possível encontrar soluções mediante um esforço sério e constante de comunicação, educação e diálogo. Nessa perspectiva, precisa-se estar muito atento porque se corre sempre a tentação de uma espécie de 'miopia' que faz com que se veja só o imediato e o oportuno para os interesses pessoais e de grupo.

As diferenças de posições, em todas as instâncias da sociedade em torno das mudanças estru-

turais que o Brasil precisa, confirmam o quanto é fundamental a abertura ao diálogo. Sem ele, continuar-se-á caminhando em círculos, tendo a impressão de se estar avançando quando, na verdade, está-se gastando as melhores energias para se chegar sempre ao mesmo ponto. Mas, logicamente, qualquer processo de diálogo compreende riscos para todas as partes envolvidas. Sobre tudo o risco de perder algo de si, algo das próprias certezas. É inevitável que todos tenham que abrir mão de alguma coisa. Mas é importante não esquecer que aquilo que está em jogo é o bem comum: um ideal muito maior do que as diferentes linhas e convicções ideológicas (MARTINEZ, 2005)

Torna-se impraticável o fato de se querer mudar o todo de cada cidadão, porque cada um tem a sua ideologia. Melhor do que trabalhar ideologias é trabalhar as pessoas. Com este foco, deve-se estabelecer um diálogo com significativas consequências na questão ética. Daí, porque são duas as atitudes que são exigidas hoje: por um lado, a esperança num futuro melhor e, por outro, o compromisso com o presente. Nessa perspectiva é importante se saber que as mudanças de que a educação e a comunicação precisam dependem dos envolvidos na engrenagem, da atitude responsável e positiva de todos diante dos acontecimentos. Entende-se como atitude responsável aquela que nunca perde de vista o bem comum.

Coloca-se em mente que a coisa mais importante que deve acontecer em termos comunicacionais e educativos seja, justamente, essa mudança de paradigma em seu método. Agora o diálogo não é apenas uma opção, mas é a única opção. Nesse sentido não é negativo gastar mais tempo, para que as decisões expressem, à medida do possível, o consenso. Na verdade, deve-se estar sempre alerta contra a tentação dos radicalismos que emperram qualquer processo de crescimento e desenvolvimento social.

As diferenças de pontos de vista existem e são fundamentais nas relações de comunicação e de ensino. Mas elas se tornam um problema social quando se fecham na própria particularidade. É só no diálogo que cada realidade particular desen-

volve seus aspectos positivos e descobre as suas deficiências. Esse não é o caminho mais fácil, mas é, certamente, o mais produtivo (PUTNAM, 1996).

Deve-se procurar fazer com que a leitura dos fatos e da história não seja apenas superficial ou parcial, uma vez que alguns veículos de comunicação se especializam em enfatizar o mal em detrimento do bem, priorizando um noticiário que instiga a violência com a riqueza de detalhes com que apresentam os delitos de natureza grave e a disseminação de uma cultura excludente, preconceituosa e marginalizante. Quando o ideal seria mostrar também os gestos de solidariedade que foram cometidos naquele mesmo espaço de tempo e as principais e verdadeiras causas da violência, tais como o analfabetismo e os déficits culturais e educacionais da sociedade moderna. Em uma perspectiva de intervenção, abordaram-se temas relacionados à comunicação como condição para a melhoria na qualidade de vida, estabelecendo o sentido da prática do compromisso social, em função de uma percepção integral do comportamento humano no exercício da cidadania.

Diante deste impasse, cabem, acima de tudo, os profissionais interdisciplinares buscarem instrumentos da comunicação mediante as formas de expressão, recursos educativos, decidindo o que fazer como mecanismo de influência social. Para isso, utilizar-se-á da construção e representação da comunicação como transmissão de uma nova proposta cultural abrangente à sociedade, procurando desenvolver neste segmento a sensibilização que vai do impessoal para o pessoal, do desumano ao humano, do egoísmo e da violência para o solidário (MARTINEZ, 2005).

A opinião pública pode fazer pressão sobre as mídias para que seja dado mais espaço à educação e cultura, engajando o maior número possível de pessoas nessa tomada de decisão, tornando-as protagonistas de primeira linha na construção da sociedade. Ou seja, por em evidência a comunicação que evolui num mundo em constante mudança, inserida em um processo de transformação que a altera e reforça, válida para todos os territórios e todas as culturas. Embora tenha mudado o

modo de viver e de se relacionar dos membros da sociedade, a comunicação continua sendo para a humanidade um patrimônio valioso e insubstituível. E comunicação é aquilo que o outro entende, não, o que se quer dizer.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar o uso dos meios de comunicação com finalidades educacionais e a maneira como a sociedade é influenciada por eles e se desenvolve, foi possível demonstrar a viabilidade de tais práticas através do apoio teórico dos estudiosos de diversas áreas do conhecimento.

Tentou-se demonstrar modos de utilizar os meios de comunicação, de forma a sanar o desinteresse dos estudantes com relação aos conteúdos ministrados em instituições escolares, vinculando os assuntos a fatos rotineiros que são abordados nos diversos meios de comunicação. Neste trabalho, também foi estudada a utilização dos meios de comunicação com o fim de despertar uma maior identificação com atividades educacionais e culturais, através de uma correlação dos assuntos abordados com os aspectos intrínsecos ao cotidiano social, explorando-se as diversas influências culturais, econômicas, políticas, dentre tantas, das mídias.

Foi dada ênfase à importância do incentivo a uma cidadania global através de articulação en-

tre comunicação e educação, que, a partir de uma racionalidade comunicativa e pacificadora, atuem e fortaleçam a interrelação cultural dos povos e a globalização da informação e da interação entre indivíduos de comunidades diversas, tendo por meta favorecer a compreensão mútua, de forma que a sociedade civil se una para desenvolver objetivos colaborativos e uma consciência social coletivista.

É pensando na comunicação como uma ferramenta no processo de capacitação dos indivíduos, de modo a estimular a transformação e o desenvolvimento de nossa sociedade, que se buscará construir uma nova cultura de educação que se favoreça de novos processos de motivação das pessoas de maneira que se possam atingir novos padrões culturais.

Quando se dá oportunidade de o outro se exprimir completamente, de se comunicar; quando se tenta entender as suas razões e os seus medos, se está ativando mecanismos de comunicação que, em geral, fazem cair preconceitos e julgamentos. Uma atitude que não fica limitada ao âmbito das relações interpessoais, porque quando se age assim com o outro, na verdade, está-se construindo uma nova forma de conduta, de educação. Concluindo: onde as pessoas e os grupos podem experimentar que uma sociedade melhor, e cada vez melhor, é possível!

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARRARA, Kester. **Introdução à psicologia da educação**: seis abordagens. 2. ed. São Paulo: Avercamp, 2004.

COMÊNIO, João Amós. **Didática magna**: tratado da arte universal de ensinar de tudo a todos. [S. e.]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação**: rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FONTANA, R. e CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

- FRANC, Morandi. **Modelos e métodos em Pedagogia**. Bauru - SP: EDUSC, 2002.
- FREITAS, M. T. **Vygotsky e Bakhtin - psicologia e educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 1994.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LINHARES, Ronaldo Nunes. **Gestão em comunicação e educação: o audiovisual no espaço escolar**. Macaíó: Edufal, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- MARTINEZ, Vicente. **Podemos hacer las paces: reflexiones éticas trás el II-S el II-M**. Espanha: Desclée De Brouwer, 2005.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe; Universidade Federal de Sergipe, 1984.
- PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 15. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- PUTNAM, Robert. **Comunidade e democracia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SÁVIO, Rivaldo. **Psicologia geral**. Aracaju: Editora J. Andrade, 2002.
- WRIGHT, Bradford W. **Comic book nation: the transformation of youth culture in America**. New York: Johns Hopkins, 2001.

Recebido em: 9 de novembro de 2012
Avaliado em: 9 de novembro de 2012
Aceito em: 12 de janeiro de 2013
